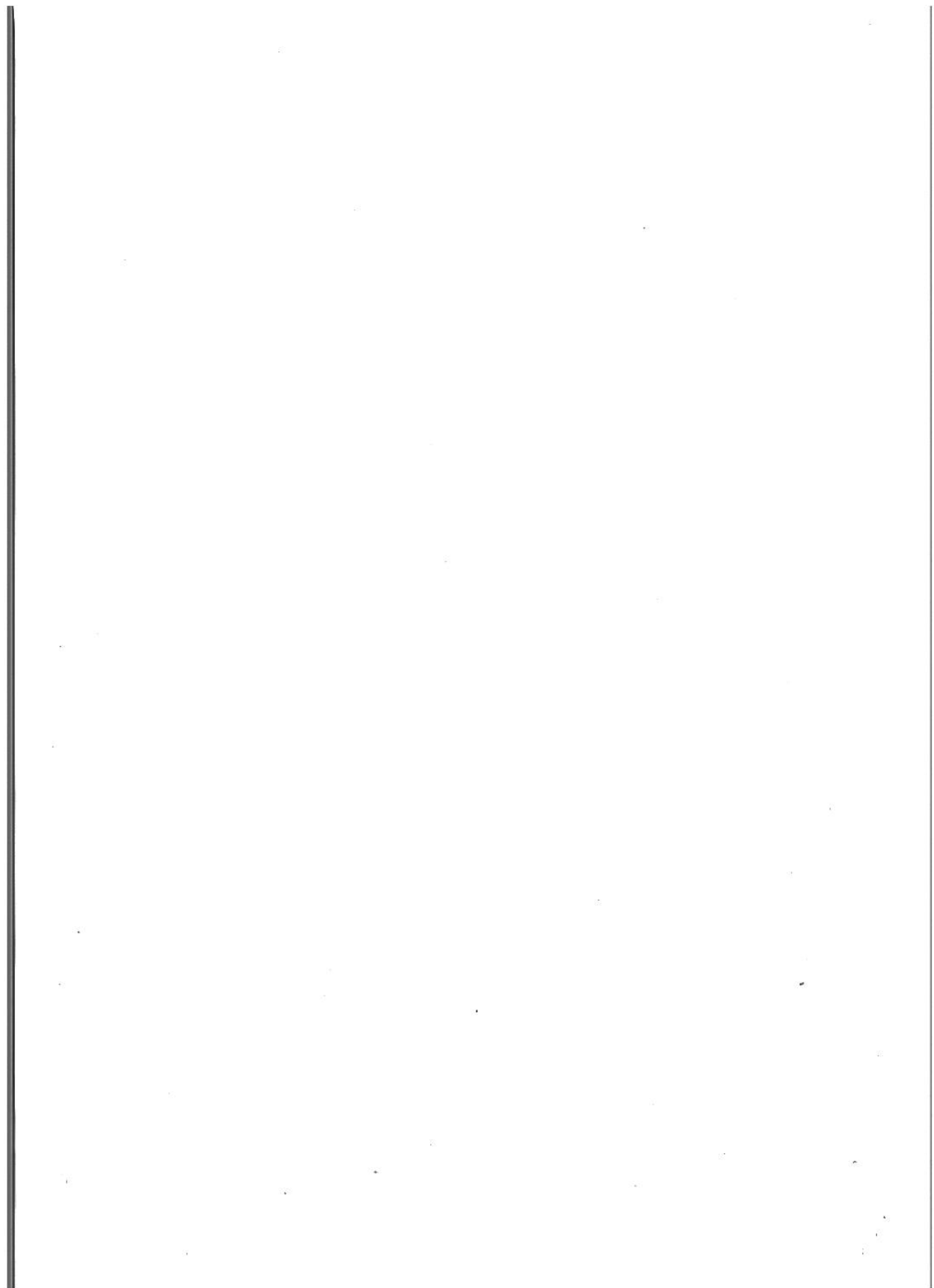




Revoluções da linguagem no campo da literatura

Maria Nazareth Soares Fonseca*

Resumo

Este texto discute momentos significativos da Negritude francesa a partir da referência a dois poemas – um de René Depestre, outro de Aimé Césaire – que trazem para a cena literária questões relacionadas com os movimentos de afirmação da identidade negro-africana. A partir dos poemas referidos, pensados como emblema das tensões vividas pela literatura em situações de enfrentamento à opressão colonialista, este texto distende seu campo de reflexão para observar outras revoluções que se expõem no modo como alguns textos das literaturas africanas de língua assumem as relações entre escrita e oralidade.

Palavras-chave: Projetos literários; Negritude; Escrita e oralidade; Produção de sentido.

secas
as palavras despegam-se
das coisas e da gente
como pele de cobra
em tempo de muda

esvoaçando ao de leve
elas se amontoam
nos escombros
que a saudade arruma

gélida e atônita
paíra pelos corredores
do vazio
a solidão dos homens
(Arlindo Barbeitos)

* Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais.

Este texto procura reler alguns textos literários que se relacionam com intensos movimentos que explodiram, no meio intelectual francês, desde o final da década de 30, do século XX, até o acirramento das lutas contra a presença europeia na África, a partir dos anos 50 do mesmo século. Muitos acontecimentos de ordem social, política, científica, filosófica de grande importância marcaram essa época e incentivaram rupturas com os discursos legitimadores do colonialismo em África, com intensa repercussão nos movimentos de construção da identidade nacional na América Latina. A literatura produzida pelos escritores negro-africanos em Paris ou por aqueles que assumiram a repercussão que os movimentos reivindicadores de liberdade tiveram em diferentes espaços marcados pela opressão colonialista ou pelas mazelas intensas deixadas pela escravidão dos africanos, expõe-se, de forma às vezes radical, às questões políticas. As convulsões que se evidenciavam em debates organizados por estudantes e intelectuais negros, em Paris, alguns participantes ativos de algumas publicações importantes como a revista *Présence Africaine* ou pertencentes ao Partido Comunista Francês, fortalecem um processo de conscientização que irá, inevitavelmente, deslocar-se para a literatura produzida por escritores negros, muitos deles pertencentes à Negritude, parceira na luta do negro “em busca de si mesmo, em busca de sua história”, conforme afirma Lilyan Kestellot (1962), na análise que faz da obra literária de Aimé Césaire.

Dessa fase marcada por intensa agitação no campo da literatura de contestação – seja ela expressão da Negritude ou a que difundia as inovações surrealistas – alguns textos literários podem ser lidos como marcos significativos de revoluções que, agenciadas pela literatura, assumem questões relativas aos tempos árduos das lutas contra o colonialismo em África e à conscientização do homem negro “de todo o mundo”, como afirmava Césaire. Muitos desses textos literários documentam uma época em que circulavam ações que impunham o compromisso do escritor, do intelectual, com as causas de seu tempo e com uma dinâmica revolucionária no seu sentido mais estrito. Algumas dessas ações agora lembradas estão relacionadas com o surgimento de obras literárias importantes como a *Anthologie de la nouvelle poésie nègre et malgache* (1948), organizada por Senghor e o *Cahier d'un retour au pays natal* (1956), de Césaire que tiveram grande importância na trajetória literária – e também política – de movimentos ligados à diáspora negra que conturbaram Paris a partir da década de 30 do século passado. Particularidades de movimentos literários e não literários acontecidos nessa época relembram, neste texto, o modo como pude, no início da década de 1980, conhecer mais profundamente vários episódios da política de afirmação dos estados africanos e marcam os meus primeiros contatos com as literaturas africanas de língua francesa e de língua portuguesa.

Muitos textos literários ora lembrados – alguns citados neste texto – e a condição em que foram produzidos estão relacionados com discussões importantes sobre a formação das literaturas africanas produzidas em línguas francesa e portuguesa. Morando na França, no início dos anos 80 do século passado e me dedicando, naquele momento, a estudar os processos de formação das literaturas das Antilhas francesas e de alguns países africanos, tive acesso a textos produzidos por intelectuais não africanos que tiveram um papel importante na disseminação de revoluções que aconteceram na África nas décadas de 60 e 70 do século XX. O contato com a produção teórica e literária dos intelectuais e escritores antilhanos e latino-americanos e africanos foi significativo para a compreensão de como, através da literatura, intensificou-se o ardor revolucionário que está na base dos nacionalismos africanos e de lutas – infelizmente nem todas bem sucedidas – que fomentaram, não apenas na África, a esperança por um mundo mais justo para todos.

Para não me estender muito, ressalto neste trabalho, num primeiro momento, apenas dois dos textos literários que me ajudaram a compreender particularidades de revoluções que se produziram no campo da literatura, inspiradas em ações que, em diferentes lugares da África, fortaleceram os anseios de libertação do colonialismo, e em outros, como na América Latina e nas Antilhas, estão relacionadas com a afirmação de identidades esculpidas com as matrizes africanas.

Tomei contato com esses textos quando as independências ainda recentes dos países africanos de língua portuguesa começavam a enfrentar os desafios do pós-75 e muitos intelectuais africanos já se mostravam desencantados com os rumos tomados pela utopia da independência. A observação dos agenciamentos de linguagem que esses textos produziram fizeram-me compreender que as revoluções gestadas no espaço da literatura não têm, por vezes, relação direta com os fatos concretos que a História irá mais tarde salientar, embora os agenciamentos linguageiros não possam desprezar as marcas extraliterárias que se encenam nos textos, num processo de constante desalinhamento nos quais a fixidez é solapada pela cadeia de significações que os termos vão criando no contato com os leitores de diferentes épocas. Por esse processo de agenciamentos de sentidos e de significação, as estratégias discursivas utilizadas na tessitura dos textos literários, por vezes distanciando-se da assertividade do discurso da História, permitem o contato do leitor com o ardor revolucionário e com as paixões vividas pelos escritores. A leitura de muitos textos publicados nos diversos números da revista *Présence Africaine* propicia este afastamento de dados da realidade ao mesmo tempo em que instigam o leitor a vasculhar os alicerces dos textos, indagar sobre o processo de sua produção. Marcada por uma intenção política que não anula a literária, a revista *Présence Africaine* foi, desde os seus primeiros números, um

importante espaço para a divulgação de textos produzidos por africanos, por antilhanos e por intelectuais franceses ligados às lutas contra o colonialismo. Em vários números dessa famosa revista os leitores tinham contato com a literatura e muitos textos criativos ofereciam ao leitor possibilidades de ir além dos sentidos produzidos pelos arranjos literários ou pelas “palavras de ordem” que ligavam a literatura a um contexto político efervescente. Lendo a obra dos colaboradores da revista em cada uma de suas fases foi-me possível compreender os impulsos motivadores de textos literários que tinham uma relação explícita com diferentes contextos e atentar para as estratégias que, sendo literárias, incitavam os leitores a outras rebeliões.

A pesquisa de textos produzidos no calor de discussões políticas que marcam a história do movimento da Negritude na década de 1930 permitiu-me, por exemplo, compreender o sentido de uma dedicatória ao intelectual angolano, Mário Pinto de Andrade aposta ao poema “La machine Singer”, de René Depestre, poeta haitiano, sempre exilado de sua terra natal, escrito já na década de 1950. Várias vezes voltei aos versos desse poema para refletir sobre as sinuosidades de apelo surrealista nele presentes ou para investigar melhor as alusões às estratégias desenvolvidas pelo colonialismo em terras africanas e nas Antilhas. A dedicatória ao intelectual angolano parece-me ratificar um pacto de leitura porque indica que não podem ser desconsideradas, no poema, as alusões a práticas perversas desempenhadas pela Máquina Colonial. A dedicatória quer abarcar, por isso, um campo de significações mais amplas produzidas pelo termo “opressão” que desliza pelo poema, metaforizado pela máquina Singer que, como vários outros utensílios, foi utilizada como exploração da força de trabalho dos oprimidos. A máquina, pode ser vista como um monstro de “dents pour mordre”, simbolizando a imposição severa dirigida aos subjugados, sejam eles escravos, vítimas do trabalho forçado, magaíças, operários. E a singeleza dos primeiros versos do poema: “Une machine Singer dans un foyer nègre/ arabe, indien, malais, chinois, annamite” (p. 159) não esconde o fato de que a máquina seja pensada pelo poema como a extensão do corpo-máquina, extenuado pelo rigor da exploração, mas também como símbolo de um poder que desloca os sentidos dos rituais dedicados ao “dieu lare” (deus-lar) nas casas miseráveis da população explorada. Por isso, no poema, a Machine Singer é cultuada com termos muito ambíguos, pois é, ao mesmo tempo, símbolo de um trabalho que exaure o corpo, mas que também “mata a fome”. A Machine Singer transita no poema de René Depestre com as significações permitidas por essa dupla visão: é utensílio que explora a capacidade de trabalho do subjugado – como a enxada, a picareta, o machado, dirá René Depestre em outro momento –, mas também indica as possibilidades de, como símbolo, transitar para um outro campo semântico e aí transmutar-se em arma

para enfrentar a “bête féroce”, “qui écumait de rage”¹ (p. 159-160). Essa duplicidade de sentidos que a referência à Máquina Singer ajuda a construir no poema fica garantida quando se observam os últimos versos do poema:

Et ces jours-là nous savions que Singer
Est un mot tombé d'un dictionnaire de proie
Qui nous attendait parfois derrière lès portes une hache à la main (160)²

A dedicatória ao intelectual angolano esclarece a intenção do escritor haitiano de, valendo-se de recursos próprios da linguagem surrealista, aludir à exploração da força de trabalho tão comum nos espaços dominados pela colonização. A máquina de costura, de marca Singer é motivo para a construção do texto mas também recupera as ordenas da opressão colonialista aludindo à exploração da força de trabalho do oprimido, mas ganhando contornos discursivos que permitem que as construções imaginárias da ajudem a estabelecer, de forma mais nítida, processos de deslocamentos de sentido que dão força ao texto literário.

A retomada desse poema magnífico de um escritor que, tendo vivido no Brasil, não tem ainda a sua obra poética aqui traduzida e de particularidades que permitem compreender com maior clareza os sentidos produzidos pela dedicatória a Mário Pinto de Andrade, intelectual angolano de importância reconhecida nas lutas pela independência de vários países africanos, além de Angola emerge de lembranças de um tempo em que a literatura teve papel importante em projetos políticos, sem assumir a forma panfletária.

Volto um pouco mais no tempo e recupero um outro poema que também está ligado à história da formação das literaturas nacionais na África e nas Antilhas francesas, ainda que de forma indireta, pois nele a motivação política aparece mais fortemente transmutada pelos recursos próprios à literatura. Para que se possa compreender a singularidade deste poema que nos remete a um dos momentos mais significativos da discussão que se produziu na Europa, a partir dos anos 1930, sobre as condições de existência de uma literatura nacional negra – no sentido que a expressão tem nos movimentos pró-independência em África, precisamos nos lembrar do Congresso de Escritores e Artistas Negros realizado, em Paris, em setembro de 1956. A importância desse evento é ressaltada por vários teóricos da Negritude e aqui me valho do testemunho de Mário Pinto de Andrade, quando revela a Michel Laban, já em dezembro de 1984, dados importantes das revoluções que se desenvolviam, muitas vezes de forma sutil, entre a intelectualidade negro-africana em Lisboa e Paris. Alguns textos literários, como

¹ “A besta feroz que espuma de raiva” (tradução livre da autora do texto).

² E, naqueles dias, sabíamos que a Singer/ é uma palavra tirada de um dicionário de feras/ que nos esperava talvez detrás das portas com um porrete na mão!

se tem afirmado, têm importância capital para a compreensão dessas micro-revoluções que aconteciam no meio acadêmico parisiense, mas também em Lisboa na Casa dos Estudantes do Império, em Lisboa. Um desses textos literários nos interessa sobremaneira porque irá cunhar sentidos que passaram a circular como significantes de outras revoluções. Refiro-me ao poema “Lettre brésilienne”,³ publicado no número 1-2 da Revista *Présence Africaine*, referente ao período de abril-julho de 1955.

Esse texto, considerado por Mário Pinto de Andrade, “um poema sangrento, de ruptura”, na entrevista a Michel Laban, é visto pelo escritor angolano como uma “poética”, porque, resgatando dados da história do Haiti – a luta dos negros “marrons”, que conseguiram edificar a primeira nação negra das Américas – incentiva a produção de uma literatura não submissa aos modelos europeus. Uma leitura do poema que ignore as condições de sua produção e desconheça a querela entre Aimé Césaire, autor do poema, e René Depestre a quem o poema é dirigido, provavelmente não valorizaria as nuances de uma questão que, caracterizando-se como literária, é também política, pois diz respeito à defesa de uma poética negra, tal como a entendiam os criadores da Negritude. O testemunho de Mário Pinto de Andrade sobre os antecedentes do Congresso dos Escritores e Artistas Negros de 1956 esclarece questões importantes relacionadas com a definição de um projeto de literatura nacional negra a ser legitimado a partir das independências dos países africanos de língua portuguesa, já delineado no poema de Césaire, quando registra o compromisso desse projeto literário com as lutas dos africanos em busca de sua expressão legítima.

Explicamos melhor a importância que a divergência entre Aimé Césaire e René Depestre tem para a compreensão de uma luta que se desenvolvia no meio literário, sustentada pelos intelectuais negritudinistas defensores das revoluções africanas. O poema “Lettre brésilienne”, de Aimé Césaire, tinha, em sua primeira versão, um título mais incisivo: “Réponse à Depestre, poète haïtien (éléments d'un art poétique)”.⁴ O poema foi produzido como uma evidente censura ao apoio do marxista e negritudista, René Depestre a uma proposta de Louis Aragon, publicada em *Les Lettres Françaises*, sobre a necessidade de os poetas voltarem-se para as regras tradicionais da versificação e do soneto. É preciso ressaltar que a proposta de Aragon dizia respeito apenas à poesia francesa e não teria tido, talvez, grande repercussão, se a ela não tivesse aderido René Depestre que, assim, expunha publicamente seu desacordo com a poesia negritudinista, defensora de

³ Neste trabalho utilizou-se a versão do poema transcrita por Lilyan Kesteloot e B. Kotchy (1973, p. 109-111). O poema está transcrito, no final do texto.

⁴ “Resposta a René Depestre, poeta haitiano (elementos de uma poética)”. Tradução da autora. A versão original do poema foi publicada na nova série da revista *Présence Africaine*, n. 1-2, 1955.

uma poesia mais pulsante, mais ritmo e sonoridade, próxima a expressões acústicas das culturas africanas e que se posicionava abertamente contra os modelos de construção poética legitimados pelas culturas européias. Por isso a referência às lutas dos negros “marrons”, no poema de Césaire, fortalece a intenção do poeta martiniquense de não somente ironizar a intenção de René Depestre, mas de conclamá-lo a assumir a força e a tradição dos ancestrais africanos que enfrentaram a opressão colonialista no Haiti:

Marronnons-les Depestre marronnons-les
comme jadis nous marronnions nos maîtres à fouet⁵ (p. 110).

Pode-se dizer que, de algum modo, anunciam-se nesses versos os elementos de uma poética, que insistindo na busca de uma expressão livre, não se intimida “com o chicote nas mãos do feitor”. Em termos literários, significa não acatar a obrigação de reverenciar os modelos de criação ditados pela cultura européia.

É também importante que se perceba no poema, o modo como Aimé Césaire se apropria de estereótipos construídos pelo discurso escravagista, para desconstruí-los todavia. A referência às “más tendências do nosso sangue”, ao recuperar as imagens de negro incapaz construídas pelos colonizadores, procura mostrar que é justamente o “mau sangue” dos negros-marrons que possibilitou a sua insubmissão:

Depestre j'accuse les mauvaises manières de notre sang
est-ce notre faute
si la bourrasque se lève
et nous désapprend tout soudain de compter sur nos doigts
de faire trois tours de saluer.⁶

É, portanto, no contexto das transgressões propostas pela poética da Negritude que se afirmam os sentidos de um termo que se liga às lutas empreendidas pelos negros “marrons”, no Haiti. A expressão “marronagem” firma-se como um significante revolucionário que procura reverter a situação instalada pelo colonialismo, desprezando os modelos de expressão literária legitimados por ele (FONSECA, 1993, p. 49). Depestre, em texto publicado no México, em 1968, registra a expressão “marronagem cultural” para definir uma poética negra, construída em processos de rebeldia, num meio cultural que a hostiliza.⁷ De algum modo o termo guardará para sempre uma proximidade de sentido com os cons-

⁵ “Marronizemo-los, Depestre, marronizemo-los (os versos da poética francesa tradicional)/como outrora marronizávamos nossos feitores”. Tradução livre da autora.

⁶ “Depestre, eu acuso os maus modos do nosso sangue/ é nossa culpa se a borrasca se levanta/ e nos faz desaprender rapidamente o contar nos dedos e o fazer referências?”. Tradução livre da autora.

⁷ Refiro ao texto “Problemas de la identidad del hombre negro en las literaturas antillanas” (1968).

truídos pelo verbo “canibalizar”, que remete às atitudes da personagem Caliban, recriada por Aimé Césaire na peça *Une tempête* (1966), releitura de *A tempestade* de William Shakespeare.

Mais recentemente, o teórico italiano Massimo Canevatti (1996) retoma o termo e seu sentido político. Substituindo “marronagem” por “marronização”, o teórico assume-o como uma palavra híbrida e busca sustentar sua reflexão nos vários sentidos que a palavra assumiu ao longo do tempo. Sem entrar na nova polêmica que o termo suscita, numa época de recrudescimentos de ódios e racismos na Europa, ressalta a importância que o verbo *marronner* teve não como recurso de expressão no poema de Césaire, mas como indicador de um processo revolucionário que identificava as tensões nascidas em estratégias de solapagem da língua francesa em diferentes espaços colonizados e se estendia ao espaço da literatura, visando a “distender a língua do outro”, no caso em questão, a língua utilizada pelo opressor, senhor da escrita, e formas de assujeitamento do corpo do texto.

Édouard Glissant, da Martinica, já na década de 1980, alude a revoluções encenadas pela escrita literária, em textos que refletem sobre o desmanche de formas de controle instaladas no interior da língua de uso da Martinica, o *créole*. Ao refletir sobre perturbações relacionadas com diferentes processos de afirmação da identidade desenvolvidos nos espaços demarcados pela colonização, o teórico emprega termos como “barulhamento” e “esfacelamento” para indicar os processos de implosão que o *créole* agencia. Na visão do teórico da Martinica as línguas européias, transportadas para o Novo Mundo, alteraram-se a partir da “provocação” da palavra viva e da sintaxe particular desenvolvida nas plantações, nos engenhos, nos agenciamentos entre o espaço dos colonizadores e o dos colonizados que aos poucos foram alterando a língua dos senhores. De algum modo parece ser possível afirmar que as formas de “desposseção”⁸ a que alude Glissant para dizer de um processo desenvolvido pela máquina colonialista para facilitar o mimetismo e a dependência, não conseguiram evitar que estratégias de resistência surgissem na paisagem de dominação característica dos espaços que se utilizaram da força de trabalho escrava. Intensas revoluções insistiam em tornar porosas as fronteiras que pretendiam dividir evitar que os contatos interpessoais se realizassem além do estritamente necessário. Talvez as revoluções languageiras sejam as que melhor registram os abalos constantes registrados no mundo co-

⁸ E. Glissant cunha o termo para definir o processo de desenraizamento característico de culturas que, como a martiniquense, se formaram com um índice elevado de transferência de mão-de-obra não voluntária. Os escravos africanos, levados à região para desenvolver um tipo de economia que não lhes oferecia nenhum benefício, acabaram por desenvolver práticas de sobrevivência que não fortaleceram formas de coletivização.

lonial e que melhor configuram os sintomas da “orientação neurótica” (FANON, *apud* BHABHA, 1998, p. 74), com que se marcavam, no mundo colonial, as rígidas fronteiras entre o mundo dos colonizados e o dos colonizadores.

Na visão de Glissant formas de resistência podem ser identificadas na escrita literária quando procura assumir a insurreição da língua falada com os gestos e ritmos que a acompanham. A reterritorialização das línguas européias, nos diferentes espaços que conviveram com a colonização concebe uma escrita aturdida com o “barulhamento” da palavra viva e com os gritos sufocados pela ordem social. Essa escrita deliberadamente produzida com as modulações da voz e com a observação das expressões do corpo, ao assumir os significantes de uma revolução que opera no interior do sistema lingüístico, aproxima-se dos mecanismos próprios da “marronagem”⁹ e de certa forma “tira a mordada da boca dos silenciados”, como bem observa Canevatti (p. 28).

Para concluir esta reflexão, resalto algumas estratégias de solapagem produzidas no interior das culturas africanas, responsáveis por intensos abalamentos nas normas e costumes europeus levados ao continente africano para sustentar o processo de colonização. Essas “dispersões diaspóricas” acentuam alterações significativas que, mais intensas na língua oral, são assumidas pela literatura que, embora escrita em língua européia, assume as perturbações propostas das línguas étnicas. As “dispersões” que o contato da língua portuguesa com as línguas faladas em África provocam na escrita literária agenciam revoluções que abalam a ordem da escrita. A escrita literária, ao procurar quebrar a dureza da língua do outro, obriga o escritor a conviver com o paradoxo apontado por Jacques Derrida (1996, p. 47), quando diz expressar-se em uma língua que não é a sua, ao mesmo tempo em que não lhe é totalmente estranha. Esse paradoxo que distende os sentidos propostos pelo processo de desterritorialização aludido por Deleuze e Guattari com relação à língua literária utilizada por Kafka em seus livros, está sempre presente nas interseções e rearranjos que se dão na relação entre a língua oficial e as utilizadas, em África, por diferentes grupos étnicos ou nas mesclagens languageiras que caracterizam a língua de uso, em regiões de domínio do português.

Conforme observei em outro momento (FONSECA, 2003), Derrida quer aludir a um conflito que está sempre presente na literatura produzida por povos recém libertos da colonização quando procuram indicar a relação tensa que mantêm com a língua do colonizador, transformada em língua nacional após as inde-

⁹ O termo *marronnagem*, de negro *marron*, escravo insubmisso à escravidão, é tomado por Glissant como uma metáfora das formas de resistência ao mimetismo, à alienação. Os negros fugidos, *marrons*, são os primeiros posseiros e usuários das terras antilhanas (geralmente as situadas nas montanhas) a desafiar o sistema da Plantação criaram alternativas de resistência à dominação. (Cf. GLISSANT. *Le discours antillais*. 1980, p. 67 e seguintes).

pendências, e também com as línguas orais que circulam cada vez mais em zonas menos isoladas. Nos países africanos colonizados por Portugal, por exemplo, a língua literária é predominantemente o português, por isso é ainda tributária de valores gerados no ocidente. No entanto, essa língua levada à África pela colonização, bem cedo teve de assumir as transformações que a literatura procurou legitimar para manter-se próxima das tradições culturais de diferentes partes de África. As profundas migrações do universo da fala para a escrita literária estão registradas, de forma decisiva, em obras de escritores importantes como Luandino Vieira, Uanhenga Xitu, Ruy Duarte de Carvalho, Boaventura Cardoso e Paula Tavares, de Angola ou por José Craveirinha, Mia Couto, Suleiman Casso, Paulina Chiziane e Luís Carlos Patraquim, de Moçambique, apenas para citar duas experiências literárias. Essas revoluções linguageiras que se mostram na literatura não se restringem à escrita dos escritores mencionados e nem são particularidade das literaturas africanas de língua portuguesa, pois estão presentes na escrita literária que dialoga com o universo da voz, gestualidade e movimentos desenhados pelo corpo em festas e rituais. As diferentes mesclagens entre a escrita literária e as entonações próprias da fala “se alongam, se confundem, se entrelaçam em ‘corpos interzonas’”, conforme afirma Canevatti (1996, p. 41). Com essa expressão o teórico procura valorizar os campos de tensão e os espaços desarticulados por diferentes revoluções que instalam “um pânico desejoso” (p. 40) que estimula o desmanche de pontos presos e aposta em transgressões de linguagem e nas tensões que se localizam no interior da língua literária. Tais transgressões ao marcar os movimentos oscilantes de desterritorialização e reterritorialização, que alguns escritores angolanos – poetas e ficcionistas – e vários escritores de Moçambique exibem, tornam-se emblema das grandes revoluções que os contextos histórico-sociais nos mostram com feridas ainda abertas porque a passagem do tempo nem sempre é garantia de cicatrizações completas. E dessa impossibilidade que a literatura se apropria, explorando as ilusões de sutura, cura e soluções e marcando o lugar da falta como o da gestação da linguagem literária, que também cria, em algumas obras, a ilusão de um afastamento radical das questões culturais.

Todas essas questões, retomadas na época atual, por muitos textos das literaturas africanas de língua portuguesa que se produzem a partir de arranjos entre línguas diferentes e diversas manifestações culturais nos fazem pensar nos vestígios de uma época em que talvez se acreditasse em apaziguamentos, embora, paradoxalmente, deixasse registrada a rebeldia dos “negros-marrons”, registrando-a com uma escrita literária que incitava à transgressão. Nesse sentido, o convite de Aimé Césaire a René Depestre – “Marronnons-les Depestre marronnons-les/ comme jadis nous marronnions nos maîtres à fouet” – continua a funcionar como um apelo que incentiva a produção de discursos literários rebeldemente

transgressores, os quais metaforicamente são sempre retomadas de revoluções que, registradas pela literatura, impulsionam novos arranjos linguageiros, porque não perdem a destreza daqueles que trazem a letra esculpida em seus corpos e nas estratégias de luta que os significam.

Abstract

This text discusses significant moments of the French Negritude taking as reference two poems – one by René Depestre, the other by Aimé Césaire – that bring into the literary scene questions related to Negro-African identity affirmation movements. With basis on the poems, referred to as symbols of the tensions experienced by literature in situations of confrontation with colonialist oppression, this text broadens its reflection field to focus on other revolutions that expose themselves in the way some African literature texts of language take on the relations between writing and orality.

Key words: Literary Projects; Negritude; Writing and Orality; Sense production.

Referências

- ANDRADE, Mário. *Uma entrevista*. Lisboa: Sá da Costa Ltda, 1997.
- BARBEITOS, Arlindo. *Na leveza do luar crescente*. Lisboa: Caminho, 1998.
- BHABHA, H. K. Interrogando a identidade: Frantz Fanon e a prerrogativa pós-colonial. In: *O local da cultura*. Tradução Myriam Ávila *et al.* Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998. p. 70-104.
- CANEVATTI, Massimo. *Sincretismos: uma exploração das hibridações culturais*. São Paulo: Studio Nobel, 1996.
- CÉSAIRE, Aimé. Lettre bresiliénne. In: KESTELOOT, Lilian; KOTCHY, B. *Aimé Césaire: l'homme et l'oeuvre*. Paris: Présence Africaine, 1973, p. 109-111.
- CÉSAIRE, Aimé. La poésie, parole essentielle. In: *Présence Africaine* – p. 7-23, 20 avril, 1983.
- DEPESTRE, René. La machine Singer. In: COUFFON, Claude. *René Depestre*. Paris: Seghers, 1986. p. 159-160.
- DERRIDA, Jacques. *Le monolinguisme de l'autre*. Paris: Galilée, 1997.
- DERRIDA, Jacques. *Torre de Babel*. Tradução Junia Barreto. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002.
- FONSECA, Maria Nazareth Soares. Linguagens em conflitos do dizer/ler. In: *Scripta* n. 14. Belo Horizonte, PUC Minas, 2003. p. 208-215.
- FONSECA, Maria Nazareth Soares. Desposseção da língua do outro: Guimarães Rosa e seus comparsas africanos. In: DUARTE, Lélia Parreira (Org.). *Veredas de Rosa II*. Belo Horizonte: Editora PUC Minas, 2003. p. 499-505.
- FONSECA, Maria Nazareth Soares. Políticas de esquecimento e desejos de lembrar. In: CHAVES, Rita; MACEDO, Tânia. *Literaturas em movimento: hibridismo cultural e exercício crítico*. São Paulo: Via Atlântica, 2003. p. 97-113.
- GLISSANT, Edouard. *Le discours antillais*. Paris: Gallimard, 1980.

Anexos

LETTRE BRESILIENNE

Aimé Césaire

*(Réponse à Depestre, poète haïtien, qui à la suite d'Aragon avait prôné
le retour aux formes classiques de la poésie française, sonnet, etc.)*

C'est une nuit de Seine et moi je me souviens comme ivre
du chant dément de Boukman¹⁰ accouchant ton pays
aux forceps de l'orage

DEPESTRE

Vaillant cavalier du tam-tamest-il vrai que tu doutes de la forêt natale
de nos voix rauques de nos coeurs qui nous remontent
amers
de nos yeux de rhum rouges de nos nuits incendiées
se peut-il
que les pluies de l'exil
aient détendu la peau de tambour de ta voix

Laisse-là Depestre laisse-là la gueuserie solennelle d'un air mendié
laisse-leur

Le ronron à l'eau fade dégoulinant
le long des marches roses
et pour les grognements des maîtres d'école
assez

marronnons-les Depestre marronnons-les¹¹
comme jadis nous marronnions nos maîtres à fouet

¹⁰ Boukman: esclave qui dirigea une révolte en Haïti, au XVIII^e siècle.

¹¹ Marroner: se disait des nègres qui fuyaient les plantations et prenaient les maquis.

Depestre j'accuse les mauvaises manières de notre sang
est-ce notre faute
si la bourrasque se lève et nous désapprend tout soudain de compter sur
nos doigts
de faire trois tours de saluer

Ou bien encore cela revient au même
le sang est une chose qui va vient et revient
et le nôtre je suppose nous revient après s'être attardé
à quelque macumba. Qu'y faire ? En vérité le sang est un vaudou puissant

C'est vrai ils arrondissent cette saison des sonnets
pour nous à le faire cela me rappellerait par trop
le jus sucré que bavent là-bas les distilleries des mornes
quand les lents boeufs maigres font leur rond au zonzon
des moustiques

Ouiche! Depestre le poème n'est pas un moulin à
passer de la canne à sucre ça non
ei si les rimes sont mouches sur les mares
sans rimes

toute une saison
loin dei mares

moi te faisant raison
rions buvons ei marronnons

Gentil coeur
avec au cou Je collier de commandement de la lune
avec autour du bras le rouleau bien lové du lasso du
soleil
la poitrine tatouée comme par une des blessures de la
nuit
aussi je me souviens

au fait est-ce que Dessalines mignonait à Vertières
et pour le reste
que le poème tourne bien ou mal sur l'huile de ses gonds
fous-t'en Depestre fous-t'en laisse dire Aragon

Camarade Depestre

C'est un problème assurément très grave
des rapports de la poésie et de la Révolution
le fond conditionne la forme
et si l'on s'avisait aussi du détour dialectique
par quoi la forme prenant sa revanche
comme un figuier maudit étouffe le poème
mais non
je ne me charge pas du rapport
j'aime mieux regarder le printemps. Justement
c'est la Révolution
et les forpnes qui s'attardent
à nos oreilles bourdonnant
ce sont mangeant le neuf qui lève
mangeant les pousses
de gras hannetons hannetonnant le printemps.

Depestre

de la Seine je t'envoie au Brésil mon salut
à toi à Bahia à tous les saints à tous les diables
Cabritos cantagallo Botafogo
bate
batuque
à ceux des favelas

Depestre

bombaïa bombaïa
crois-m'en comme jadis bats-nous le bon iam-tam
éclaboussant leur nuit rance
d'un rut sommaire d'astres moudangs.

(KESTELOOT et KOTCHY, 1973, p. 109-111)

LA MACHINE SINGER

A Mario de Andrade

Une machine Singer dans un foyer nègre
arabe, indien, malais, chinois, annamite
ou dans n'importe quelle maison
sans boussole du tiers monde
c'était le dieu lare qui raccommmodait
les mauvais jours de notre enfance.
Sous nos toits son aiguille tendait
des pièges fantastiques à la faim.
son aiguille défiait la soif.
La machine Singer domptait des tigres.
La machine Singer charmait des serpents.
Elle bravait paludismes et cyclones
et cousait des feuilles à notre nudité.
La machine Singer ne tombait pas du ciel,
Une mère e des tantes, des oncles
et avant même d'avoir des dents pour mordre
elle savait se frayer un chemin de lionne.
La machine Singer n'était pas toujours
une machine à coudre attelée jour et nuit
à la tendresse d'une fée sous-développée.
Parfois c'était une bête féroce
qui se cabrait avec des griffes

et qui écumait de rage
et inondait la maison de fumée
et la maison restait sans rythme ni mesure
la maison ne tournait plus autour du soleil
et les meubles prenaient la fuite
et les tables surtout les tables
qui se sentaient très seules
au milieu du désert de notre faim
retournaient à leur enfance de la forêt
Eet ces jours-là nous savions que Singer
est un mot tombé d'un dictionnaire de proie
qui nous attendait parfois derrière les portes une hache à la
main

(COUFFON, 1986, p. 159-160)